

O encantador de serpentes

O professor Fernando Henrique Cardoso aproxima-se do segundo ano da sua Presidência tendo construído um estilo inédito de governo, o do encantador de serpentes. Razões estruturais impedem que ele seja comparado com os presidentes militares e a malvadeza do acaso não permite compará-lo a Tancredo Neves, o civil com quem mais poderia se parecer. (Uma curiosidade: será que Tancredo cultivava uma certa distância em relação ao senador paulista porque percebia isso?) Fez a campanha prometendo agricultura, educação, emprego, saúde e segurança, formou o governo pensando em criar grupos de trabalho dentro do Planalto, assumiu supondo que poderia governar com a ajuda de conselhos ministeriais e acabou descobrindo que o negócio era outro. Chama-se Real, estabilidade da moeda.

A reunião dos governadores em Brasília mostra como trabalha o encantador de serpentes. Os governadores querem duas coisas: não pagar o que devem e novos créditos. Primeiro, o encantador disse que não discutiria ca-

sos isolados, pois o governo busca uma solução conjunta. Cada governador viu o risco de misturar o seu pleito num sopão e todos saíram satisfeitos da reunião, porque o presidente disse que trataria de caso por caso. Fez o contrário do que dissera e os governadores aplaudiram aquilo que fingiam não desejar. Verdadeira mágica. No caso do Banco Econômico, conseguiu festejar a solução da desapropriação baiana e o seu contrário. Se jogasse futebol, seria capaz de comemorar gol contra levantando a arquibancada e o ânimo do próprio time.

Essa capacidade de conseguir vitórias virtuais deriva da percepção do óbvio. FH sabe que seu governo depende da estabilidade da moeda. Ele, seus aliados e seus adversários sabem também que a maioria da população apóia o real. Como a inflação é uma derivada da política de saques contra o erário e um imposto pelo qual quem tem menos financia quem tem mais, cada pleito por rolagens de dívidas, financiamentos baratos e projetos caros é, no fundo, uma proposição contra o real.

Nessa hora entra em ação o encantador. Ele aceita o pleito. Discute durante seis horas, admite quaisquer propostas, mas deixa uma questão para o fim da agenda e como fica o Real? Como seus interlocutores sabem que ele fica

mal, esperam que o presidente concorde em carregar o custo político da decisão. Quando percebem que ele não concorda, fingem que não propuseram.

Nesse momento o encantador de serpentes transmuta-se. Diz que todas as propostas eram boas e apresenta a sua, contrariando os interesses essenciais dos parceiros. Como essa proposta deixa para depois qualquer ofensa à estabilidade monetária (como, por exemplo, dizer que vai ajudar os governadores no que for possível), adia-se o problema e festeja-se o entendimento.

O estilo do encantador de serpentes tem uma limitação. As serpentes continuam sendo serpentes. Em quase um ano de governo o presidente não conseguiu impedir que aquilo que parecia uma ambigüidade retórica de seu programa se transformasse numa divisão concreta dentro do seu go-

verno. Ele administra, e encanta, duas facções opostas. Um pedaço do governo quer o câmbio forte e juros altos, oferecendo uma estabilização garantida ou seu dinheiro de volta. Outro pedaço quer

câmbio fraco e juros baixos. O câmbio forte precisa, num prazo que não deverá ultrapassar um ano, de cortes nas despesas e de caixa gorda para o Tesouro. Pressupõe uma incalculável coragem política para enfrentar o desemprego e as dificuldades do setor produtivo. A facção do câmbio fraco, na qual está embutido um risco inflacionário, parte da premissa de que o objetivo apresentado pelo grupo adversário é inatingível.

Por enquanto Fernando Henrique Cardoso tem razões suficientes para acreditar que encantará as duas facções por quanto tempo quiser. Com o frango barato para os pobres e com o frango grátis para quem aplica a juros, nenhuma das duas facções tem motivos para deixar de acreditar na flauta, que ele às vezes chama de gôgô. Quem vive de juros diz que o frango barato é uma ficção, porque o preço do milho vai quebrar os agricultores. Já quem come frango barato tem razões para achar que nenhum país pode sobreviver com uma taxa de juros de 20% reais em dólar.

Em bom português, cada personagem da fábula supõe dispor de suficiente racionalidade para não acreditar em serpentes encantadas, mas sente-se confortável achando que o bobo é o outro. Para o encantador, há um só perigo: acreditar na própria flauta.

**Se FH jogasse
futebol,
seria capaz
de levantar
a torcida fazendo
gol contra**